CARMEN CINIRA DE ANDRADE MACEDO (1948-1991)

JOSILDETH GOMES CONSORTE
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Logo mais, o dia 15 de outubro marcará a passagem do segundo aniversário da morte de Carmen Cinira e ainda hoje a lembrança do fato consterna a todos que a conheceram. Acompanhei à distância seus últimos meses de vida, através das notícias que pedia a amigos comuns. Sabia-a cheia de esperança e torcia para que as previsões médicas se desfizessem e ela pudesse retomar sua vida com a mesma garra com que sempre vivera e que, mais do que nunca, vinha demonstrando, o tempo todo, ao longo de sua enfermidade. Nos últimos anos, já não nos víamos como nos tempos em que trabalhávamos juntas na PUC de São Paulo, mas, sempre que nos encontrávamos, era gratificante perceber que a distância pouco afetava nossos laços afetivos e profissionais.

Conheci Carmen Cinira quando ingressei na PUC em 1966, a convite de Carmen Junqueira, para reforçar a área de Antropologia. Por coincidência, esse também foi o ano em que ela, aos 18 anos, ali iniciou o curso de Ciências Sociais. As turmas pequenas permitiam que se conhecessem os alunos logo nas primeiras semanas de aulas, mas, Carmen chamava a atenção de um modo especial, pelo interesse que manifestava em relação ao que estava sendo exposto, pela facilidade com que se expressava e pelo bom domínio da língua quando escrevia. Mais tarde, se reportou, em várias ocasiões, àqueles momentos, para me dizer que ainda possuía as anotações que cuidadosamente tomara sobre todos os "pithecus" e "homos" com que eu atormentara a existência das alunas naquelas aulas de Introdução à Antropologia. Seu envolvimento com a área, no entanto, não parou aí, estendendo-se nos anos subseqüentes do curso a tudo quanto dissesse respeito à

Anuário Antropológico/91
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993

mesma. Filha única e já noiva (ou quase) do Vicente, com quem se casaria pouco tempo depois, parecia alheia às inquietações sentimentais próprias da idade, dedicando-se com afinco aos seus compromisso com a Universidade. A Antropologia tornou-se, desde então, um sério caso de amor em sua vida.

Iniciando sua vida acadêmica num dos períodos mais agitados da história recente da Universidade, dela participou com entusiasmo. Em 68, no auge dos questionamentos, marcou presença nas comissões paritárias e no curso de Ciênciais Sociais. Um pouco mais tarde, em 1971, já concluído o bacharelado, integrou como auxiliar de ensino e sob minha orientação a primeira equipe da disciplina Antropologia e Realidade Brasileira do Ciclo Básico implantado pela Reforma Universitária e que, por mais de quinze anos, fez parte do currículo de quase todos os cursos de graduação oferecidos pela PUC. Foi uma oportunidade de ouro para quem, como ela, se apaixonara pela Antropologia, dado o desafio que representou, para todos nós que também a tínhamos como escolha de vida, participar da formação de alunos de, praticamente, todos os cursos da Universidade, sobretudo quando o objetivo era formar consciências críticas num momento de total fechamento político e da mais exacerbada censura e repressão. Para tornar as coisas um pouco mais difíceis ou mais instigantes, como hoje se costuma dizer, tratava-se de oferecer uma Antropologia para milhares de jovens num momento de crise, também, para a Antropologia.

Primeiro, como auxiliar de ensino, depois, como minha assistente, Carmen tomou parte ativa em todo o processo e foi crescendo como ele. Alguns anos mais tarde, ela própria coordenou a disciplina.

De aluna aplicada a professora competente, comprometida com o bom desempenho da equipe, foi construindo seu caminho, suas vivências se ampliando cada vez mais através do enorme leque de contactos que as atividades que exercia lhe proporcionavam. Inteligente, criativa, de palavra fácil e bem articulada, costumava levar seus alunos a também se encantarem com a Antropologia e até copiar-lhe os gestos e a postura. Responsável, organizada, eficiente, determinada em relação ao que queria, nada parecia difícil para ela. Com o tempo, a moça magrinha, de pouco riso e brincadeiras, parece que ficou mais alta, encorpou e desabrochou numa mulher atraente, ciosa de seus encantos. Sua tez morena, seus traços firmes, bem definidos, seu cabelo preto — talvez seu maior galardão — um sorriso bonito, agora mais freqüente, chamavam a atenção.

O ano de 1971 marcou seu ingresso não apenas no corpo docente da PUC-São Paulo, mas, também no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da USP, onde faria o mestrado e o doutorado sob a orientação de Eunice Ribeiro Durham. Seus horizontes intelectuais e afetivos se alargaram ainda mais com os novos estímulos advindos das atividades geradas pela pós-graduação na USP. Passou a dividir-se entre as duas Universidades, professora numa, aluna na outra.

Seu envolvimento com a formação dos alunos na PUC estendeu-se, no correr dos anos, e em caráter permanente, aos do Ciclo Profissional de Ciências Sociais, através das disciplinas de Teoria Antropológica e Antropologia das Sociedades Complexas. Todavia, participações menos duradouras em outras áreas, como a de Medicina, onde lecionou Antropologia Cultural, ou a de Jornalismo, onde foi responsável pela implantação das disciplinas de Estética e Comunicação de Massa e de Cultura Brasileira, deixaram sua marca em outros contextos.

A temática das sociedades complexas conquistou desde cedo sua preferência. Elegeu as classes populares como objeto privilegiado de estudo e sobre elas se debruçou a partir do mestrado. Foi na pesquisa de diferentes aspectos de sua realidade que concentrou suas energias, ao longo dos anos 70, década dos movimentos sociais por excelência, escorados pela presença forte da Igreja, via Teologia da Libertação, momento em que o povo e sua cultura se tornaram o centro das atenções de boa parte dos intelectuais preocupados com a transformação social. Seus trabalhos naquela década e na seguinte espelham com clareza uma trajetória pessoal, mas, também, um certo movimento das Ciências Sociais.

Concluído o mestrado em 1977, inscreveu-se, sem demora, no doutorado. Carmen parecia ter pressa. Muita pressa.

A nova fase, iniciada com a busca do doutoramento, intensificou sua participação nos conclaves científicos: simpósios, seminários, congressos, reuniões da SBPC, reuniões da ABA, encontros do CERU, da ANPOCS. Como antropóloga, sua participação nas reuniões da ABA assumiu vários matizes. Foi membro da Comissão Organizadora da XIII Reunião, realizada em São Paulo, em 1982; organizadora e coordenadora do GT "Imaginário Social e Vida Cotidiana" na XIV, realizada em Brasília, em 1984; coordenadora do GT "A Questão Cultural: Caminhos da Antropologia Urbana" na XV, realizada em Curitiba, em 1986, onde também foi eleita para o cargo de Tesoureira, na gestão Manuela Carneiro da Cunha; membro dos GTs

"Trabalho, Representação e Questão de Gênero" e "Trabalho, Patrimônio, Museus e Políticas Culturais", na XVI, realizada em 1988, em Florianópolis, onde foi eleita membro do Conselho Científico para o período 1988-1992, em todas elas apresentando, sempre, comunicações sobre as pesquisas que estava realizando.

Na década de 80, ampliou sua atividade docente, atingindo outro público — o dos Institutos de Teologia —, e suas atividades de pesquisa, tornando-se membro do quadro de pesquisadores do ISER. Em 1986, trocou em caráter definitivo o corpo docente da PUC-São Paulo pelo da USP, quando foi por esta contratada como professora assistente doutora, pouco depois de ter concluído seu doutorado em 1985. Continuou ligada àquela através de sua participação em grandes projetos de pesquisa, desvinculados, todavia, do Departamento de Antropologia e da Faculdade de Ciências Sociais.

O nascimento de Tânia, em 87, e o início da sua doença, poucos meses depois, tornaram os anos seguintes bem diversos dos vividos até então. Profissionalismo e reserva, atributos que sempre cultivou, parecem ter sido as armas escolhidas por ela para enfrentar as vicissitudes do momento, acrescidas agora de uma imensa dose de esperança. Nos intervalos das crises, manteve suas atividades anteriores e acrescentou-lhes novas: docência, pesquisa, assessoria científica, orientação de teses, participação em bancas de exame de qualificação, mestrado, doutorado e de concursos para carreira docente, redação de textos, publicação de trabalhos, entrevistas a jornais e TV, participação em reuniões científicas e nos mais variados certames do gênero. Sua energia parecia inesgotável. Do seu horizonte profissional, agora envolvido pela presença da filha, chegou a constar uma bolsa de um ano, no exterior, concedida pela Pennsylvania State University School of Medicine para 1989/90, uma área com que se envolvera no passado e que então parecia mais do que oportuna, mas que, no entanto, não teve condições de gozar.

Num documento de 1990, escrito por ela, em aditamento ao memorial que entregara à USP em 88, dizia textualmente:

> Nestes últimos tempos me dei conta, com perfeita nitidez, de ter recebido um certo bafo dos deuses: tenho prazer em trabalhar, em me sentir construindo algo. Numa cultura como a nossa, em que o trabalho é freqüentemente avaliado como fardo, esse prazer é uma espécie de bênção. Em especial, o trato com as pessoas e a experiência pedagógica permanecem em mim com o fascínio dos primeiros

tempos. Cada livro novo, cada projeto desenvolvido, parece reverberar com a chama das primeiras descobertas intelectuais. Sinto meu o dizer de Bruno Bettelheim: "a esperteza pode ser um dom da natureza; é intelecto independente do caráter. A sabedoria é conseqüência de uma profundidade interior, de experiências significativas que enriqueceram a vida da gente: um reflexo de uma personalidade rica e integrada". E mais adiante, a Antropologia como vocação... Minha esperança é daqui a 20 anos poder olhar para trás e me ver, nesta década dos 40, como alguém que estava começando em base firme e deu certo. Tomara.

Referia-se, obviamente, à decada dos seus 40 anos. Carmen não chegou a viver para realizar esse desejo, mas nós que ainda estamos por aqui podemos afiançar que, a julgar pelos trabalhos que deixou, pelos alunos que ajudou a formar, pelos amigos que fez, pelo exemplo de coragem que deu no enfrentamento de momentos tão difíceis e pelo sucesso da vida que deixou, hoje cuidada com extremo desvelo pelo Vicente, ela deu certo e que continuará lembrada e atuante como sempre foi.

BIBLIOGRAFIA DE CARMEN CINIRA DE ANDRADE MACEDO

Livros

1979. *A Reprodução da Desigualdade: o Projeto de Vida Familiar de um Grupo Operário.* São Paulo: Hucitec. Hoje na 2ª edição.

1986. *Tempo de Gênesis: o Povo das Comunidades Eclesiais de Base.* São Paulo: Brasiliense.

1989. *Imagem do Eterno: Religiões no Brasil.* São Paulo: Moderna.

Artigos em livros

1979. "Algumas Observações sobre a Questão da Cultura do Povo". Em *A Cultura do Povo* (Edenio Valle & Queiroz, orgs.). São Paulo: Cortez e Moraes/Educ.

1980. "Algumas Considerações sobre a Família Operária". Em *A Família em Nossa Sociedade de Conflitos* (vários autores). São Paulo: Paulinas.

1982. "Família e Conflito de Gerações". Em *Juventude e Dominação Cultural.* São Paulo: Paulinas/UBC.

1984. "Horizonte Místico e Mágico da Religiosidade do Povo". Em *A Religiosidade do Povo* (vários autores). São Paulo: Paulinas/Educ.

1985. "A Investigação do Problema da Construção da Identidade: as CEBs". Em *Identidade: Teoria e Pesquisa* (Série Cadernos PUCSP, 20).

1986. "Domingo na Praia: a Dimensão Simbólica do Lazer Popular". Em *Lazer de Trabalho*. Instituto de Filosofia PUCAMP. Em co-autoria com Luís Cláudio Mendonça Figueiredo.

Artigos em revistas

1980. Família e Sociedade. *Vida Pastoral* 92. Edições Paulinas/ITESP.

1981. A Produção Social da Saúde. *O Mundo da Saúde* 5 (18). São Paulo. Também em *Vida Pastoral* 96. Edições Paulinas/ITESP, 1982.

1982. Considerações sobre o Processo Educativo. *Vida Pastoral* 102. Edições Paulinas/ITESP.

1984. Anseios e Utopias de Vida na Sociedade Atual. *Vida Pastoral* 114. Edições Paulinas/ITESP.

1984. Quem Está com Pressa? A Morte e o Morrer na Sociedade Moderna. *Vida Pastoral* 119. Edições Paulinas/ITESP. Também, com o título A Morte e o Morrer na Sociedade Moderna, em *Presença* (outubro). Editora Caeté, 1985.

1985. Veredas da Violência: Brasil. *Anuário Antropológico*/84. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

1985. Formação Intelectual e Ciência Social. *Veredas* 104. PUCSP.

Artigos em jornais

1986. O Contexto Cultural do Verão. Folhetim da *Folha de São Paulo* (4-5-86).

Resenhas

1982. B. Malinowski — A Vida Sexual dos Selvagens. *Veja* 737.

1982. C. Darwin — A Origem das Espécies. *Veja* 743.

1986. De Volta à Cultura Popular de Sempre (do livro de Marilena Chauí, *Conformismo e Resistência: Aspectos da Cultura Popular no Brasil*). *Folha de São Paulo* 2-2-86.

1986. O Individualismo segundo L. Dumont (do livro do mesmo autor *O Individualismo*). *Folha de São Paulo* 16-12-86.

1986. De Esquinas e Velas a Livros e Antropólogos (do livro de José Guilherme Magnani, *Umbanda*, São Paulo: Ática, 1985). *Folha de São Paulo* 11-5-86.

1988. Afinal, Quem Somos, os do Brasil? (do livro de Manuela Carneiro da Cunha, *Antropologia do Brasil*, São Paulo: Brasiliense/EDUSP, 1986). *Ciência e Cultura* 40 (1).

1988. Mulher e (In)justiça (do livro de G. Debert e D. Ardaillon, *Quando a Vítima é Mulher*, Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, 1987). *Ciência e Cultura* 40 (8).